

O HOMEM IMORTAL OU FIM DA ESPÉCIE? TECNOLOGIA E OS DILEMAS ÉTICO-FILOSÓFICOS.

José Luis Sepúlveda Ferriz¹, Ermaela Cícera da Silva Freire², Adriana Freire Pereira Ferriz(orientadora)³

¹Universidad Complutense de Madrid, Departamento de Pós-graduação em Filosofia, Espanha, R. Manoel Aires de Queiroz, 82 Malvinas, Campina Grande PB: jl-junior2008@hotmail.com

² Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Comunicação Social. R. Manoel Aires de Queiroz, 82: ermaela@yahoo.com.br

³Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Pós-graduação em Ciências Sociais. R. Manoel Aires de Queiroz, 82 Malvinas, Campina Grande PB:adrikafreire71@hotmail.com

Resumo- Este ano está marcado por tragédias naturais. No dia 1º de janeiro, Angra dos Reis. Em abril, foi a vez de Niterói. Mas uns dias, e um vulcão na Islândia parou o tráfego aéreo na maior parte da Europa. Recentemente foi a vez de Alagoas e Pernambuco, quando uma enxurrada provocada pelas fortes chuvas destruiu várias cidades, deixando um lastro de desespero, impotência e abandono. O medo se difunde. Será que é o fim do mundo? Hoje, é difícil alguém sustentar que Deus está tão encolerizado com a maldade dos homens que virá nos castigar por ela. O fato é que a ciência tem apurado, com rigor, riscos sérios que estão diante de todos nós. Também ela exige mudanças em nossa conduta, se quisermos salvar nosso mundo. E, além disso, essas alterações farão um mundo melhor. Podemos perceber que cuidados são necessários. Um novo e interessante espaço de discussão está crescendo, mundo a fora, de pessoas que querem reduzir, reutilizar e reciclar. Uma responsabilidade com o mundo está substituindo, as antigas lealdades confinadas ao Estado nacional. Enfim, se nos tornarmos cidadãos globais, fará parte de nossa cidadania uma ética que respeite a natureza de uma forma talvez inédita.

Palavras-chave: Tecnologia; Responsabilidade; Ética; Humanidade; Natureza

Área do Conhecimento: Filosofia

Introdução

Neste pequeno estudo pretendemos examinar e relacionar o espaço geral entre o homem e a natureza. Essa questão tanto se refere à filosofia quanto às ciências, especialmente desde os pontos de vista ético e epistemológico, assumem papel preponderante na filosofia contemporânea. Questões envolvendo o meio ambiente, a necessidade de preservarmos a possibilidade da vida humana sobre a terra e assegurarmos um mundo habitável não apenas para nós, mas também para as gerações futuras, vêm assumindo uma relevância maior.

Pensadores atuais se debruçam sobre o tema e se interrogam sobre a possibilidade de explicação e compreensão. A relevância da problemática filosófica envolvendo os temas natureza, cultura e meio ambiente pode ser constatada pela abundante bibliografia sobre esses assuntos produzidos por grandes mestres da nossa época (JONAS, SINGER, POTTER, HABERMAS, LEVINAS, BAUMAN)..

Metodologia

Este trabalho está pensado como uma análise teórica, sobre uma problemática como é a

questão ambiental. Uma problemática de atualíssima importância e com repercussões cada vez mais globais, que afetam não só o ser humano, como toda a biosfera.

Este artigo pretende ser uma reflexão, que sirva para a discussão acadêmica em torno das questões éticas a partir da perspectiva da filosofia e de alguns filósofos que já trabalham nesta perspectiva como Potter, Hans Jonas (O Princípio Responsabilidade), Peter Singer, Jürgen Habermas, Emanuel Levinas, Zygmund Bauman. Novos modelos econômicos, sociais, políticos, são implantados na sociedade que de muitas maneiras afetam tanto direta quanto indiretamente a forma de pensar, de ser e de viver dos seres humanos e em consequência de todos os seres vivos. Novas tecnologias são descobertas e desenvolvidas com muita rapidez pelos pesquisadores e pelos grandes grupos econômicos que estão por trás de essas novas tecnologias. Todas estas questões como: bioética, ética ambiental ou ecoética, merecem uma atenção especial. Por quê? Porque tem a ver com valores, com modelos, que servem de referência para o dia-a-dia das pessoas e que desde já afetarão as próximas gerações. Por isso discutir quais serão os valores que nortearão nossas vidas, é sim, uma questão ética.

Resultado

A avestruz, quando tem medo, mete a cabeça sob a terra, e dá margem a ser devorada por predadores. O mundo ocidental, pós-Revolução Científica e Industrial, e o malfadado capitalismo (*do eurocentrismo branco*), tendo “vencido” o mundo primitivo, chamado de “selvagem” (como os “índios”), conquistando a Lua e parte da matéria e da energia, vê-se em processo autofágico (auto-devoramento). Tal processo emerge a cada dia de uma série causal complexa de degradações constantes, que se assomam num *continuum* que reverbera por muitos anos depois de ocorrida uma ação. A exemplo de um lixão, que mais tarde compromete toda uma região de lençóis freáticos, ou a exemplo de um consumo inconsciente com alimentação artificial, que em alguns anos gera um câncer ou um a série de doenças degenerativas (há uma “epidemia” delas hoje).

Demorou longos anos para que a oficialidade do poder (Governos, G8, por exemplo) aceitasse, a duras penas, a *verdade inconveniente* de que estamos num caos crescente social e ambiental (uso a palavra socioambiental para indicar que é um só processo!). É claro que, daí para a prática, “são outros quinhentos”. O alerta começou a ser dado no início do século XX, tendo como marco especial nos anos 50 a ameaça atômica real, e depois os colapsos ecológicos espelhados nas crises energéticas, de recursos, lutas por territórios, água, migrações de populações inteiras por questões de carência de recursos, problemas graves de saneamento, mortalidade e insanidade, e qualidade de vida comprometida devido a condições de poluição em geral, alimentação precária e artificial, uso de inseticidas, agrotóxicos, e uma gama de outros elementos agregados que nos matam antes da hora. Tudo isso a demandar quantidades crescentes de energia e materiais (natureza). Estamos nos encaminhando para o auge desta crise. O estopim disso se chama **Aquecimento Global**. Entender isso apenas como aumento de temperatura do planeta é um reducionismo inaceitável, mais ainda por parte de pessoas esclarecidas. E entender Ecologia ou ambientalismo apenas como conservação natural, é outro reducionismo perverso.

A quem interessa fechar os olhos e desmentir o Aquecimento Global? A quem interessa condenar ecologistas e taxar militantes como radicais (isso deveria ser elogio, radical: **ir à raiz**)? Tem sido uma das formas clássicas de quem se sente atingido, atacar no “modo (des)

moralizante”, bastante sutil, mas hipócrita (como quando Collor de Mello disse que Lula tinha um aparelho de som caro e que Collor não tinha). Neste sentido, já vi textos acusando Al Gore, autor do filme talvez o mais importante deste século (*Verdade Inconveniente*) de gastar 5 mil dólares na conta de luz por mês ! Mas a mentira tem pernas curtas.

Consideremos, por um minuto, que um indivíduo que nega o aquecimento global tenha razão? Pergunta-se: a quem serve o resultado desta “verdade conveniente”? O que ele nega junto? Nós deveríamos parar de economizar cada vez mais energia elétrica? Deveríamos, por causa da verdade dessa falação, andar sempre de carro e produzir mais poluição e problemas respiratórios e engarrafamento? Deveríamos priorizar menos o transporte público? Deveríamos parar de consumir cada vez mais, e continuar a poluir de todos os tipos nossos ambientes? Deveríamos continuar a destruir os nossos ecossistemas? Deveríamos continuar com valores egocentrados num individualismo grosseiro que faz perder a noção de interdependência de todos os seres e do destino comum dos que vivem num planeta limitado? Deveríamos abandonar o trabalho exemplar do Painel da ONU e de Al Gore e toda a consciência que estão trazendo aos povos? **Vejam o absurdo a que chega uma tal negação.**

Não se trata de uma brincadeira. Não podemos brincar com o futuro de nossos filhos, e o presente que já nos pesa. O vertiginoso aumento de temperatura nos últimos anos com a comprovação consecutiva e comparativa exaustiva da alteração do ciclo uso do carbono desde a sociedade industrial é gritante. É uma questão de mais alta responsabilidade e da coletividade. Não obstante, não podemos entender isso como simples aumento de temperatura por caprichos de eras climáticas de nosso planeta. Esqueçamos um pouco o aquecimento em si, olhemos para baixo e para os lados e um pouco adiante! Somente posso entender mais humanamente a negação dos aspectos graves da crise ecológica e social em que vivemos se ligo este fato com o **medo e a dor das pessoas** quanto a aceitar certas realidades. Isso seria mais humano e humilde. Dói profundamente saber que estamos num caminho com estilo de vida profundamente anti-social e antiecológico; os fatos arrasam. Ou seja, admitir que o nosso capitalismo (*e nós todos o somos em maior ou menor grau*), levou nossa loucura “egóica” a tal intensidade que gera retroações e quedas as quais queremos evitar. E então, ouve-se por vezes dizer: “está tudo bem”, “está tudo bem”, são apenas detalhes e a tecnologia e a política liberal, o crescimento econômico “vão resolver isso”! Ninguém mais, de bom senso e sensibilidade, tem coragem de negar o quão fundo

chegamos, gerando violências de todo tipo, perda de valores, degradação de culturas, exclusão social, relações de poder hipócritas e exploratórias, uma selvageria manifesta em especial no Hemisfério Sul do Planeta, mas também no Norte. Por que defender um modelo assim? *American way of life. Superman*. Até quando? Por que negar nossa situação e vulnerabilidade? Por que querer ser Deus? Onde queremos levar nosso ego para que ele escape da minha responsabilidade cada vez maior e dos meus limites?

A injustiça clama aos céus, diz o texto sagrado. Em todo caso, não precisamos desanimar diante da situação. Mas não podemos mais viver num mundo de “faz de conta”. Não estamos mais na Era da Abundância e no infantil “Alice no país das maravilhas”, e, certas “verdades” que herdamos de nossos pais, mesmo professores (com viseiras), ou até de coronéis, hoje coronéis empresários, estão quase todas obsoletas, e por isso se tornam altamente perigosas, pois mesmo sendo por vezes religiosas, morais, perpetuam a dilapidação a que é jogada a grande população, tanto quanto o que chamamos de natureza. Viva o progresso? Viva a cana e a monocultura? A pecuária extensiva? O Petróleo? Viva a sociedade industrial crescente? Viva cada vez mais automóveis e a Economia dinossáurica? E qual o destino do ser humano a cada dia? Doenças e epidemias, poluição, depressão, perda de sentido num mundo burguês que perdeu o controle sobre seus monstros? É isso que queremos?

A maneira de a natureza nos responder dá-se com avisos crescentes e arrepiantes: desordens climáticas potencializando efeitos de chuvas, secas, furacões, inversões térmicas inesperadas. Doenças novas ou doenças antigas que retornam. Vírus que se fortalecem com antibióticos e se potencializam. “Vaca louca”, gripe do frango, plantações que florescem antes da hora, aumento de “pragas” tanto animais quanto vegetais; doenças que campeiam o mundo pobre, mas também o rico. Lutar contra esse estado de coisas não quer dizer simplesmente voltar a um mundo romântico, ao passado e a algum paraíso que não existe mais, negando toda a tecnologia. E não é também ser apenas “do contra”, esquerdista etc. Mas é, antes de tudo, uma síntese, para a qual muito temos a nos preparar – **sustentabilidade** - exigindo cada vez mais mudanças, desacomodamento, criatividade, tecnologias brandas, agricultura ecológica, familiar, distribuição de terras e política agrícola, cumprimento da legislação ambiental, economia solidária e ecológica, bioconstruções, fiscalizações de todo tipo, reestruturação de cidades sustentáveis e muito mais. A luta ecológica é

muito mais do que romântica e verdista ou de um partido apenas, é a construção de **um outro mundo possível**, do que depende radicalmente a vida presente e principalmente futura.

Refletir em cima do Aquecimento global é compreender porquê, buscar mudar fatos como: de cada 4 pessoas, uma terá algum tipo de câncer (enquanto que na década de 50, era uma em cada 40 - ao mesmo tempo, passamos de 45 aditivos químicos na alimentação para mais de 2000 hoje !!!). É compreender que o uso de **energia** tem um custo muito maior do que o que pagamos; é **internalizar externalidades**, como no caso da carne. O consumo de carne é hoje um dos maiores vilões socioecológicos: destruição da Amazônia, da Mata Atlântica (onde vivemos), do solo, poluição intensa de rios, aumento de fome no mundo - pois a carne não é para os pobres, e toma o lugar dos grãos etc. Refletir em cima do Alerta Global é despertar para o aqui e agora.

Abrir os olhos ao aquecimento global é promover a cidadania planetária, a esperança na humanidade, a vida das crianças, o respeito à vida não-humana, e a *humildade* – ou seja, o **húmus**, respeito à terra, de onde todos viemos e para onde retornamos.

Discussão

Ultimamente se tem falado muito na chamada *Ética aplicada*¹, que seria na verdade desdobramento da Ética. A *Ética aplicada* trataria de questões mais concretas ou relevantes para a sociedade. Podemos enquadrar um tema como “eticamente relevante”, quando nos debruçamos sobre questões onde a esfera de influência tem grande alcance sobre as pessoas. Tanto numa comparação quantitativa, como também qualitativa, uma vez que as decisões ali envolvidas vão modificar o cotidiano das pessoas, quer diretamente, quer indiretamente. A escassez dos recursos naturais seria um tema eticamente relevante. Conforme Peter Singer, “uma parte importante da ética normativa corresponde à ética aplicada, que trata de questões práticas como o aborto, a eutanásia, sobre a criação e o abate de animais para a alimentação e sobre a obrigação de compartilhar nossa riqueza com aqueles que vivem em extrema pobreza em outros países”². Contextualizando o surgimento da *Ética aplicada*, seria uma consequência direta seguida logo após a crise do rigorismo da ética kantiana do dever, não houve um vazio moral, mas primeiramente, o

¹ Os termos variam. Bioética evoca Filosofia Prática, Filosofia Aplicada, bem como ética prática ou aplicada. Tomamos aqui como sinônimos.

² Singer 1994. p, 13.

aparecimento da metaética³, e em segundo lugar, o auge da ética aplicada, quer dizer, o surgimento de uma nova sensibilidade moral frente a todos esses fatos históricos já contextualizados. Este renovado interesse pela ética aplicada, própria da filosofia ocidental nas últimas décadas, é um dos traços filosóficos mais importantes que diferencia o pensamento ético do século XX. Entre os novos pensadores neste contexto, está o filósofo Hans Jonas.

Este interesse crescente pela *Ética aplicada* pela cultura ocidental não é um dado gratuito e desinteressado. A Bioética seria uma nova forma da ética aplicada, que caracterizaria, de certo modo, a sociedade, a cultura e os valores morais da civilização contemporânea. Acompanhado por este interesse vem também um sentimento de prostração perante estas novas conquistas e avanços provindos da tecnociência. Este *Admirável Mundo Novo*, ao qual Aldous Huxley se referia em seu romance, passaria de ilusão distante a uma perigosa e bem próxima realidade, caso não se observasse algumas regras básicas de convivência, como o respeito pela vida e para com as pessoas. Na verdade, este interesse crescente pela Ética dá um diagnóstico histórico da nossa época. A cultura ocidental, notadamente caracterizada pelo discurso do *ter*, advindo dos valores pregados pelo sistema de produção capitalista, vê-se agora às voltas com um mal que está agregado ao discurso econômico e político, consubstanciado no Mercado de coisas e pessoas. Temos nesta concepção de mundo uma natureza generosamente infinita e solícita em recursos, aliados à idéia de progresso ilimitado, produzido por uma ciência provedora e supostamente bem-intencionada para com o progresso da humanidade *como um todo*. Mas o discurso propagado dentro do sistema capitalista dificilmente encontra correspondente no mundo real; vemos, pelo contrário, tensões e contradições cada dia mais gritantes. Exemplo: não curar ou até produzir a doença hoje para vender o remédio depois. A questão maior é que no meio destes discursos estamos nós, queiramos ou não, e chamados a participar deste processo, de uma forma ou de outra, na forma de escolhas. Diante desta “condenação à liberdade” — como Sartre define a nossa liberdade de escolha — somos

³ Diferentemente de uma ética formalista, que trataria de analisar as razões pelas quais algo deve ser considerado justo, bom ou correto, a metaética seria uma metalinguagem, ou seja, trataria de enunciados ou discursos onde afirmamos que algo é justo, correto ou bom, e o que não o seria. Ou seja, a metaética trataria de analisar os discursos e a linguagem moral.

chamados à ação. Diante deste novo contexto tecnológico, onde as ações tomadas hoje podem afetar um número significativamente grande de pessoas — direta ou indiretamente, como as gerações futuras —, faz-se necessário que as escolhas sejam tomadas levando-se em conta o grande peso que representam. Passamos agora definitivamente para o posto de responsáveis por tudo o que ocorrer no planeta em decorrência das nossas escolhas.

Imbuído do sentimento de temor gerado pelo alarme de que falamos, o filósofo Hans Jonas, pensando no poder e na ameaça da técnica sobre o planeta e a humanidade, considera a necessidade de um *tractatus technologicus-ethicus*, ou de “uma ética para a civilização tecnológica”, para preservar a integridade do homem e do mundo dos abusos de poder. Na sua obra *Princípio Responsabilidade*, Jonas defenderá a tese de que devemos dar mais crédito às profecias catastróficas do que às previsões otimistas. E este crédito às profecias negativistas ou catastróficas tem o seu sentido de ser devido ao fato de que, numa tentativa de ação sobre algo incerto ou desconhecido, temos as mesmas probabilidades de acertar como também de errar. Em se tratando de pequenas coisas, o erro pode ser facilmente tolerado, com vistas a uma possibilidade futura de acerto; com assuntos de maior grandeza, os erros ainda poderiam ser justificados, desde que em número reduzido e controlado. Contudo, em assuntos onde há gravidade máxima, assuntos estes que vão diretamente à raiz da condição humana, erros neste caso serão inadmissíveis.

No caso da chamada *evolução natural*, temos um processo evolutivo garantido, onde até os erros têm um sentido de ser ou são acoplados, sendo que o processo é sempre lento e em geral em menor escala. No caso da tecnologia científica, a área de abrangência seria muito maior, e a velocidade das transformações seria muito mais intensa que a seleção natural. Daí que devemos ter mais cautela ao manipular com estas técnicas, uma vez que pelo alcance e pela velocidade das transformações, alguns erros poderiam se tornar irreversíveis. Neste sentido, “a experiência nos ensinou que os desenvolvimentos postos em marcha pela ação tecnológica com vistas às metas próximas tendem a fazer-nos autônomos, ou seja, adquirir seu próprio dinamismo inevitável (...). O que uma vez começou nos arrebatou o controle da ação, e os fatos consumados que aquele começo nos forjou se convertem acumulativamente em lei de sua continuação. Isto reforça o dever daquela vigilância dos começos”⁴. Este vigilância constante

⁴ JONAS, 1995, p. 73.

a que Jonas se refere parte da constatação de que “talvez sejamos livres para darmos o primeiro passo, e que a partir do segundo e de outros sucessivos passos convertamo-nos em escravos”⁵.

Este alerta não é tão exclusivo assim: não é necessária uma teoria que aponte para a futura catástrofe global, ou mesmo a justificação de profetas apocalípticos que de vez em quando surgem. Basta darmos uma olhada ao nosso redor para percebermos que o planejamento e a administração dos nossos tempos já não conseguem mais dar cabo de seu projeto original; este fracasso provém da incapacidade de não conseguirem planejar e nem mesmo pôr em prática algum projeto ético de futuro. Vive-se ainda nas pressuposições e nas premissas de projetos éticos ultrapassados, que não contemplam em sua estrutura arquitetônica a própria dinâmica de mutação e a exclusão inerente à sociedade industrial, bem como ao planejamento equivocado e irresponsável de uso dos recursos naturais⁶.

As doutrinas éticas fundamentais nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e sociedades; são tentativas de resposta aos problemas apresentados pelas relações entre os homens, e, em particular, pelo seu comportamento moral efetivo. Por isto existe uma estreita vinculação entre os conceitos morais e a realidade humana, social, sujeita historicamente à mudança. Assim, mudando radicalmente a vida social, muda também a vida moral. Os princípios, valores ou normas encarnados nela entram em crise e exigem a sua justificação ou a sua substituição por outros. Surge então, a necessidade de novas reflexões ou de nova teoria moral, pois os conceitos, valores e normas vigentes se tornaram problemáticos. Com relação a estes projetos éticos vigentes, a crítica que se faz a respeito destes é que trazem em seu bojo parâmetros inócuos, e as disposições profundas dos riscos da razão instrumental e egológica hegemônica. Como comenta Pelizzoli, são éticas individualizadas, quando não individualistas, que não conseguem pensar os sujeitos e os objetos não-humanos, ou pensar em longo prazo a globalização econômica como ela se impõe hoje. Se pensarmos num futuro megatecnológico, a partir destes parâmetros, se perceberá facilmente que tal tecnologia pode se tornar uma grande ameaça para as gerações futuras e ao mesmo tempo põe em xeque a humanidade⁷.

⁵ JONAS, 1995, p. 73.

⁶ Quanto a isso cf. PELIZZOLI, 1999 e 2003, capítulo sobre Hans Jonas.

⁷ Cf. Idem.

Hoje, temos a consciência de que não podemos “viver como se fôssemos a última geração”; sabemos bem que os recursos naturais não são inesgotáveis, como se pensava antes dos primeiros racionamentos; em vários pontos do planeta já se sente esta carência, como o racionamento de água nos grandes centros urbanos. Sabemos bem que destes recursos disponibilizados pela natureza nem todos são renováveis; e embora alguns o sejam, como a água, não haveria tempo hábil para renovação deste recurso, de forma a atender a demanda exigida.

A riqueza do pensamento de Jonas consiste justamente na aplicabilidade da teoria à questões político-práticas; não se tratando de ser somente cultivo de “sentimentos” ético-subjetivos, apesar de apelar fortemente para o sentimento. Desse modo, a *heurística do temor* já seria o bom ponto e partida para o norteamento de algumas pesquisas científicas e atitudes que envolvam políticas públicas. O modelo de temor proposto pela heurística seria um “temor de caráter espiritual”. Este temor é necessário a partir do momento em que não temos mais o controle da previsibilidade da situação, e, devido às inseguranças das projeções para o futuro, o saber e a ciência devem se esforçar por tê-lo. O maior problema nesta projeção para o futuro é que a ciência, hoje tecnociência, estará sempre atrelada à realidade cotidiana e social, e nada pode garantir o futuro, mas apenas os entes aos quais se propõe lidar nas suas particularidades, sendo a própria ciência uma abordagem limitada do real. Partindo do pressuposto de que conhecemos mais o que nós *não* gostamos ao que preferimos, e aplicando esta premissa à heurística do temor, podemos segui-la como parâmetro de julgamento, onde haveria uma maior valoração aos prognósticos ruins aos bons na hora de serem tomadas as decisões.

Importante frisar que no pensamento de Hans Jonas delineado por nós, a temática *responsabilidade* é uma constante. Esta responsabilidade apresentada por Jonas nos aponta para a relação que em última instância sempre nos remeterá para a relação mais originária com o ser como *alteridade*, na medida em que se fundamente metafisicamente sobre a *respostabilidade* ao apelo do ser, da Vida, permeando nossos atos e promovendo o discurso *aí* da problemática do Outro. A perspectiva da alteridade é o veio fundamental para se discutir a questão ética de maneira geral. Pensar a alteridade sempre foi a meta de todos os pensadores que se ocuparam da ética, seja ela qualquer que fosse. Trata-se pois de vivê-la. Pensar uma ética da alteridade, dentro destas perspectivas da responsabilidade de Jonas, é abrir

a nova compreensão da vulnerabilidade e da urgência do outro para a nossa própria constituição, enquanto seres sociais, seres realmente humanos.

Conclusão

O tema do consumo e do comportamento pessoal dos hábitos das pessoas em sociedade, no ambiente, é dramático. De um lado, temos um esbanjamento de recursos, a criação de um consumo baseado quase todo em cima de supérfluos, a produção de novas demandas, e de outro lado uma miséria que campeia. Imagine o quanto é surpreendente perceber que os próprios hábitos alimentares, por exemplo, estão causando impactos ecológicos e urbanos crescentes, ou mesmo em nossa saúde, ou até em nossas relações? Sim, relações, afetivas em especial, pois cada vez mais elas não estão imunes às demandas de consumo, de troca de mercadoria ou obtenção do novo. Num estágio de alto grau de mercantilização, não apenas econômica mas a invadir a esfera cultural, nossa vida simbólica, emocional, familiar é afetada pela lógica vigente, da rotatividade e do efêmero. O que se coloca agora, como melhor forma para enfrentar esta lógica vigente, não é apenas o uso do nível racional da informação, pois ela não tem nos levado a uma postura responsável. Pode até nos paralisar ou fazer entrar na velocidade do descarte, como num tablóide em que lemos mil notícias soltas. A melhor forma parece ser cada vez mais a mudança de energia psicossocial, ou de modelos relacionais, e através de bons exemplos; ou seja, observar como emitimos formas de “ser com os outros” no mundo e com o ambiente onde estamos; como atraímos eventos negativos ou positivos, como reproduzimos a violência que nós mesmos estamos a criticar. É algo em cima disso que este artigo buscará refletir, em torno de um conceito lapidar e novo, a *metafísica do consumo* em nossa vida, e como ela pode determinar nossa saúde e ambiente, impedindo, através do apego doentio, caminhos de felicidade mais sustentáveis e originais do humano.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. RJ: Zahar, 2003 (data original).

FONSECA, Flaviano. *Hans Jonas: (Bio) Ética e Crítica à Tecnociência*. Recife: Ed. da UFPE, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. – 4ª Ed. atual.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora., 2006.

JONAS, Hans. *El principio responsabilidad*. Barcelona: Herder, 1995.

_____. *Ética, Medicina e Técnica*. Lisboa: Veja, 1994.

_____. *O Princípio Vida*. RJ: Vozes, 2005.

_____. *O princípio responsabilidade – Ensaio para uma ética tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

PELLIZZOLI, Marcelo L. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Levinas – a reconstrução da subjetividade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

_____. *A emergência do paradigma ecológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. (Org.). *Bioética como novo paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. (Org.) *Cultura de Paz: a alteridade em jogo*. Recife: Ed. da UFPE, 2009.

_____. “O sujeito como Pathos”. In: Timm de Souza (Org.). *Éticas em Diálogo*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

SINGER, Peter. *Ética prática*. SP: Martins Fontes, 1998.

XIV INIC

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica

X EPG

Encontro Latino Americano
de Pós Graduação

IV INIC Jr

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica Júnior